

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO I
PROF. ISABEL MEDERO ROCHA e CLAUDIA TORRES

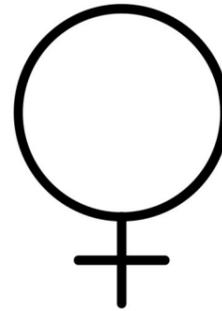


ARQUITETURA E O(S) FEMINISMO(S): UMA FERRAMENTA PROJETUAL

BIANKA GONÇALVES PINHEIRO
ISADORA ROLIM DE SOUZA

JOÃO PESSOA
MARÇO, 2020

BIANKA GONÇALVES PINHEIRO
ISADORA ROLIM DE SOUZA



ARQUITETURA E O(S) FEMINISMO(S):
UMA FERRAMENTA PROJETUAL

Trabalho apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo,
em cumprimento à disciplina de Estágio Supervisionado I,
como pré-requisito para obtenção de nota, tendo como
Orientadora a Profa. Wynna Carlos Lima Vidal.

JOÃO PESSOA
MARÇO, 2020

RESUMO

O presente artigo analisa a disciplina de arquitetura e urbanismo a partir de uma ótica feminista, através da contextualização do feminismo, sua transformação ao longo do tempo, e sua aplicação teórica e prática. Evidencia-se, portanto, ao longo dos capítulos 1 e 2, o sexismo presente até hoje, por meio de dados, estudo de textos e relatos, além de serem apresentadas algumas formas de prática projetual feministas de importantes arquitetas, incluindo aí a explicação de alguns de seus projetos. Pensando justamente na negligência quanto às necessidades das mulheres no meio arquitetônico, a tipologia de projeto estudada, no capítulo 3, foi uma sala de parto normal. Logo, considerando as diretrizes sugeridas pela arquiteta italiana Bianca Lepori para esse tipo de ambiente, o projeto humanizado proposto pela rede pública brasileira, através da Rede Cegonha, tornou-se o objeto de estudo, de forma a se compreender e analisar as condições as quais são impostas tantas brasileiras no momento de dar à luz.

Palavras-chave: feminismo; sexismo; arquitetura; sala de parto;

ABSTRACT

This article analyzes the discipline of architecture and urbanism from a feminist perspective, through the context of feminism, its transformation over time, and its theoretical and practical application. It is evident, therefore, throughout chapters 1 and 2, the sexism present nowadays, through data, study of texts and reports, in addition to using some forms of feminist practices designed by important architects, including here an explanation of some of your projects. Thinking precisely about the neglect of women's needs in the architectural environment, the typology of design studied, in chapter 3, was a normal birth room. Thus, considering the guidelines suggested by the Italian architect Bianca Lepori for this type of environment, the project humanized by the Brazilian public network, through the Rede Cegonha, became the object of study, in order to show and analyze the conditions that are imposed on so many Brazilians when giving birth.

Keywords: feminism; sexism; architecture; birth room;

SUMÁRIO

- 1** O SEXISMO NA ARQUITETURA.....1
- 2** FEMINISMO COMO PRÁTICA ARQUITETÔNICA.....9
- 3** SALAS DE PARTO NORMAL: ANÁLISE E CRÍTICA
SOB UMA ÓTICA FEMINISTA.....19
- 4** CONSIDERAÇÕES FINAIS.....31
- 5** REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....35



LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Fig. 1 Gráfico de porcentagem de estudantes de arquitetura por sexo..... | 4 |
| Fig. 2 Gráfico de porcentagem de profissionais de arquitetura por sexo..... | 4 |
| Fig. 3 Diagrama explicativo dos feminismos segundo classificação de Sherry Ahrentezen | 8 |
| Fig. 4 Diagrama explicativo da mudança de foco das práticas projetuais feminista | 12 |
| Fig. 5 Diagrama da organização inicial - projeto 1 | 14 |
| Fig. 6 Diagrama da proposta de organização posterior - projeto 1..... | 14 |
| Fig. 7 Plantas baixas casa unifamiliar – projeto 2..... | 14 |
| Fig. 8 Plantas baixas proposta de casa multifamiliar – projeto 2 | 14 |
| Fig. 9 Imagem da maquete com partes fixas e partes móveis | 16 |
| Fig. 10 Plantas baixa do Centro de Saúde de Stockwell | 16 |
| Fig. 11 Gráfico de porcentagem de quantidades de parto cesárea e normal indicados pelo OMS e os realizados no Brasil..... | 22 |
| Fig. 12 Gráfico de porcentagem de quantidades de parto cesárea e normal realizados no Brasil..... | 22 |
| Fig. 13 Planta baixa de uma sala de estar padrão mostrando o caminho típico de uma mulher em gestação dando à luz em casa – exemplo 1..... | 24 |
| Fig. 14 Planta baixa de uma sala de estar padrão mostrando o caminho típico de uma mulher em gestação dando à luz em casa – exemplo 2..... | 24 |
| Fig. 15 Caminho imposto do parto | 24 |
| Fig. 16 Caminho das gestantes no processo de nascimento do bebê..... | 24 |
| Fig. 17 Exemplo de um Quarto PPP | 26 |
| Fig. 18 Exemplo de CPN Peri-Hospitalar..... | 26 |
| Fig. 19 Diagrama dos princípios fundamentais de um design a favor da parturiente..... | 28 |
| Fig. 20 Esboço do trabalho original para salas de parto, Wellington..... | 28 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tab. 1 Tabela dos princípios fundamentais de um design a favor da parturiente..... | 30 |
|---|----|

1

O SEXISMO NA ARQUITETURA



O feminismo é um dos movimentos mais transformadores do século passado, ajudando a traçar novos caminhos até os dias atuais, tendo repercussões nas mais variadas áreas de conhecimento humano, inclusive na Arquitetura. Apesar de sua grande relevância, é um tema que ainda ganha pouco destaque dentro deste segmento.

No Brasil, segundo dados do CAU de 2019, as arquitetas e urbanistas registradas somam mais de 105 mil profissionais, representando 63,10% do total. A entidade afirma, ainda, que a presença de mulheres em curso de arquitetura e urbanismo também é superior à de estudantes do sexo masculino – 67% são mulheres.

Esses dados refletem claros avanços das reivindicações feministas dentro da Arquitetura, no entanto, nos faz questionar o porquê da diferença entre os números de mulheres estudantes e profissionais atuantes. Seria devido à segregação advinda de um meio ainda extremamente machista, em que o trabalho da mulher é desvalorizado e invisibilizado entre seus próprios colegas e clientes? Seria devido à sobrecarga de atividades inerente à profissão de arquiteto e à divisão de responsabilidade parental desigual, que gera incompatibilidade de horários? São muitas as perguntas a serem debatidas, e o feminismo se apresenta como ferramenta de ajuda.

A sócia fundadora do Bureau V, Stella Lee, em um artigo publicado no New York Times, denuncia o assédio sexual sofrido pelo arquiteto e ganhador do Pritzker, Richard Meier. Nele, Stella conta o corrido, e como era algo recorrente também com outras mulheres, além de como trataram o caso sem grandes preocupações ou mobilizações contra o assediador.

“Em vez de revogar seu Pritzker, os administradores do prêmio emitiram uma declaração fraca, declarando que não comentam a vida pessoal dos laureados - uma negação confusa do contexto do local de trabalho de grande parte da má conduta de Meier. Esse esquivo decepcionante serviu apenas para revelar a cumplicidade do próprio Pritzker em encobrir os abusos no local de trabalho, dentro do mesmo parágrafo em que afirmavam o contrário.” (LEE, 2018)

Outro caso conhecido é o de Denise Scott Brown, sócia e companheira do arquiteto Robert Venturi. Em sua dissertação "*Room at the top? Sexism and the Star System in Architecture*" publicada em 1989, ela conta algumas experiências discriminatórias que viveu em sua carreira e como ela se sentiu em relação a isso.

Quando Denise e Robert escreveram o revolucionário livro "*Learning From Las Vegas*", foi necessário que Venturi incluísse uma nota no início do livro, em que pedia que o trabalho e as ideias não fossem atribuídos apenas a ele, e descrevia os papéis desempenhados por indivíduos da empresa deles. Seu pedido foi quase totalmente ignorado.

“Essas experiências me fizeram lutar, sofrer dúvidas e confusões e gastar muita energia. ‘Eu ficaria satisfeita se meu trabalho fosse atribuído ao meu marido’, diz a es -

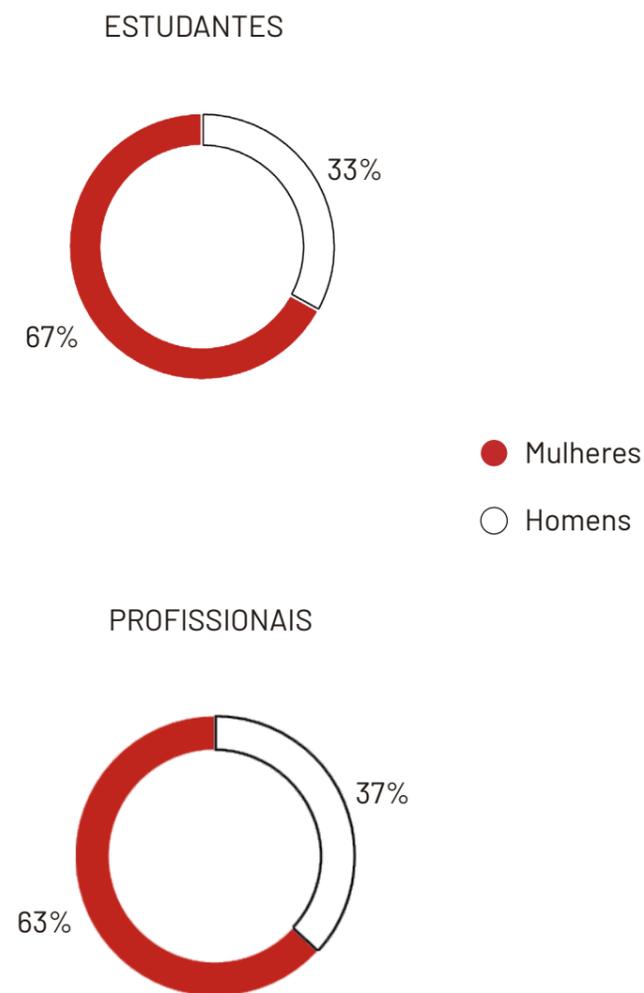


Fig. 1 Gráfico de porcentagem de estudantes de arquitetura por sexo (fonte: CAU/BR)

Fig. 2 Gráfico de porcentagem de profissionais de arquitetura por sexo (fonte: CAU/BR)

posa de um arquiteto. E um colega pergunta: 'Por que você se preocupa com essas coisas? Nós sabemos que você é boa. Você conhece seu verdadeiro papel no escritório e no ensino. Não é o suficiente?' Duvido que isso seja suficiente para meus colegas do sexo masculino. O que Peter Eisenman faria se seu último artigo fosse atribuído a seu coeditor, Kenneth Frampton, por exemplo?" (BROWN, 1989, p.259)

Esse tipo de relato é recorrente no meio arquitetônico, pois a exclusão da mulher é histórica, não se restringindo somente à esfera profissional. Os preconceitos inerentes ao patriarcado estão profundamente enraizados dentro da própria academia, que perpetua os atributos masculinos, que excluem e reprimem as mulheres, disseminando a arquitetura como sem sexo e como neutra, ideia amplamente refutada por várias arquitetas feministas. Na coletânea *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction* (2000), por exemplo, estão presentes textos como o de Beatriz Colomina, Zeynep Çelik e Mabel Wilson, que tratam justamente do cânone tradicional masculino, questionando através da visão crítica de gênero, raça e etnia, a prática arquitetônica de arquitetos divinizados como Adolf Loos e Le Corbusier. Também está incluído o texto de Diane Agrest, que trata da linguagem utilizada no período clássico, e que em parte perdura até os dias de hoje, como representativa do patriarcado.

É importante ressaltar que a escola contemporânea de arquitetura é altamente influenciada pelo legado da École des beaux Arts de Paris e da Bauhaus. Em 1890, um comitê foi formado na École des Beaux-Arts para estudar a possibilidade de admitir mulheres. Charles Garnier, arquiteto da Ópera de Paris e figuras de poder da época, se opôs estritamente à ideia, afirmando que as mulheres no ateliê seriam uma fonte de distração (Clausen, 2010, 155). Ainda hoje, o arquivo da École des beaux-Arts fala pouco sobre as mulheres que estudaram e se formaram com sucesso na escola. Através da história da Bauhaus, os homens lideravam pintura, escultura e arquitetura, enquanto a maioria das mulheres estava confinada à tecelagem. Enquanto hoje a escola de arquitetura nos ensina a admirar as grandes figuras masculinas da Bauhaus, as mulheres da Bauhaus são estranhas à nossa memória coletiva.

Assim, Sherry Ahrentzen, em seu capítulo "The F Word in Architecture" (2003) publicado na coletânea "Reconstructing Architecture", cita quatro atributos que tornam a disciplina de arquitetura expressivamente masculina. O primeiro e mais visível é a esmagadora representação masculina na prática e na profissão; o segundo reside em uma prática de individualização de pensamento, em que desde a escola, a principal relação social é aquela entre instrutor e aluno, sem considerar questões exteriores, isto é, arquitetos não são educados a ver o meio social que estrutura o seu mundo e as suas decisões quanto às relações sociais, distribuição econômica, poder, processos de tomada de decisão em grupo, e similar.

Um terceiro atributo masculino da profissão é a promoção da santidade do designer individual cuja base de conhecimento é julgada indescritível, sendo os padrões de excelência persistentemente estabelecidos pelos críticos, os quais seguem o padrão masculino e de classe alta.

O atributo final a considerar são os grupos de referência profissional, geralmente medicina e direito, dois outros campos dominados por homens. Mas comparado a esses dois, arquitetos ganham bem menos, há mais desemprego, e mantêm posições menos poderosas. Curiosamente, outros profissionais que ganham salários equivalentes a arquitetos são enfermeiros, profissionais de serviço social, e professores de escolas públicas – todos campos dominados por mulheres.

Esses quatro atributos contribuem para o gênero da arquitetura por meio de como rotulamos e definimos a arquitetura, quem é legitimado como arquiteto, como socializamos as pessoas na academia e depois na profissão, qual arquitetura é produzida e como praticamos o ofício. Assim, percebe-se que a academia tem um grande poder de influência na formação de pensamentos de seus alunos e, conseqüentemente, na prática da arquitetura.

Portanto, se nosso ambiente construído pode promover a dominação masculina, certamente pode fazer o oposto. A arquitetura é uma produção cultural bastante poderosa. Os arquitetos têm autoridade para desafiar a ordem estabelecida e oferecer uma implicação espacial na busca de mudanças sociais. Mas, para isso, precisamos aplicar uma perspectiva crítica, precisamos nos educar e nos conscientizar da dinâmica social e de gênero que nos rodeia.

Logo, é necessário entender que gênero não é sexo, isto é, não são ditados por diferenças biológicas. O gênero não é um produto finalizado, mas está em constante produção e mudança através de histórias, culturas, linguagens, comunidades e classes (AHRENTZEN, 2003). Assim, tratar de gênero é muito mais do que classificar masculino e feminino.

Desde a segunda metade do século XX até hoje vemos essa luta feminista acontecer e evoluir em seus conceitos e objetivos. Por exemplo, nas décadas de 70 e 80, a questão do gênero na arquitetura era vista somente como uma dualidade (masculino e feminino), em que se desejava que a mulher tivesse os mesmos direitos que os homens. No entanto, a partir dos anos 90, surgiram novas condições para a análise da construção de identidade e gênero, e foi percebido que o homem estava sendo o padrão a ser comparado, e não o ser humano em toda a sua pluralidade. Daí surgiram outras abordagens feministas que valorizam as diferenças e as contribuições femininas, além da interseção de diversos elementos como raça, classe e religião. Sherry Ahrentzen, ainda em seu capítulo "The F Word in Architecture" (2003), propõe uma categorização que refletem três diferentes tipos de posturas feministas. A primeira é uma postura feminista liberal, que afirma que as diferenças entre os sexos não devem ocorrer e sustenta que as mulheres devem ter as mesmas oportunidades e direitos que os homens. A segunda, chamada de feminismo cultural, reconhece as diferenças entre os sexos e celebra, ao invés de diminuir, ou marginalizar as experiências das mulheres. E por último, o feminismo contextual, que tem seu foco em reconhecer as condições sociais que tornam a diferença importante e em criar novos espaços, relacionamentos e identidades que emanam de contextos alterados.

Por fim, fica o questionamento de como mudar essa perspectiva de gênero neutro e realmente levar em consideração a pluralidade dos usuários e suas necessidades no ramo da arquitetura e urbanismo. A expectativa é de que a presença crescente de mulheres não só na academia, mas principalmente no mercado de trabalho, possa colaborar efetivamente para reverter esse quadro atual, tendo o feminismo como ferramenta de projeto.

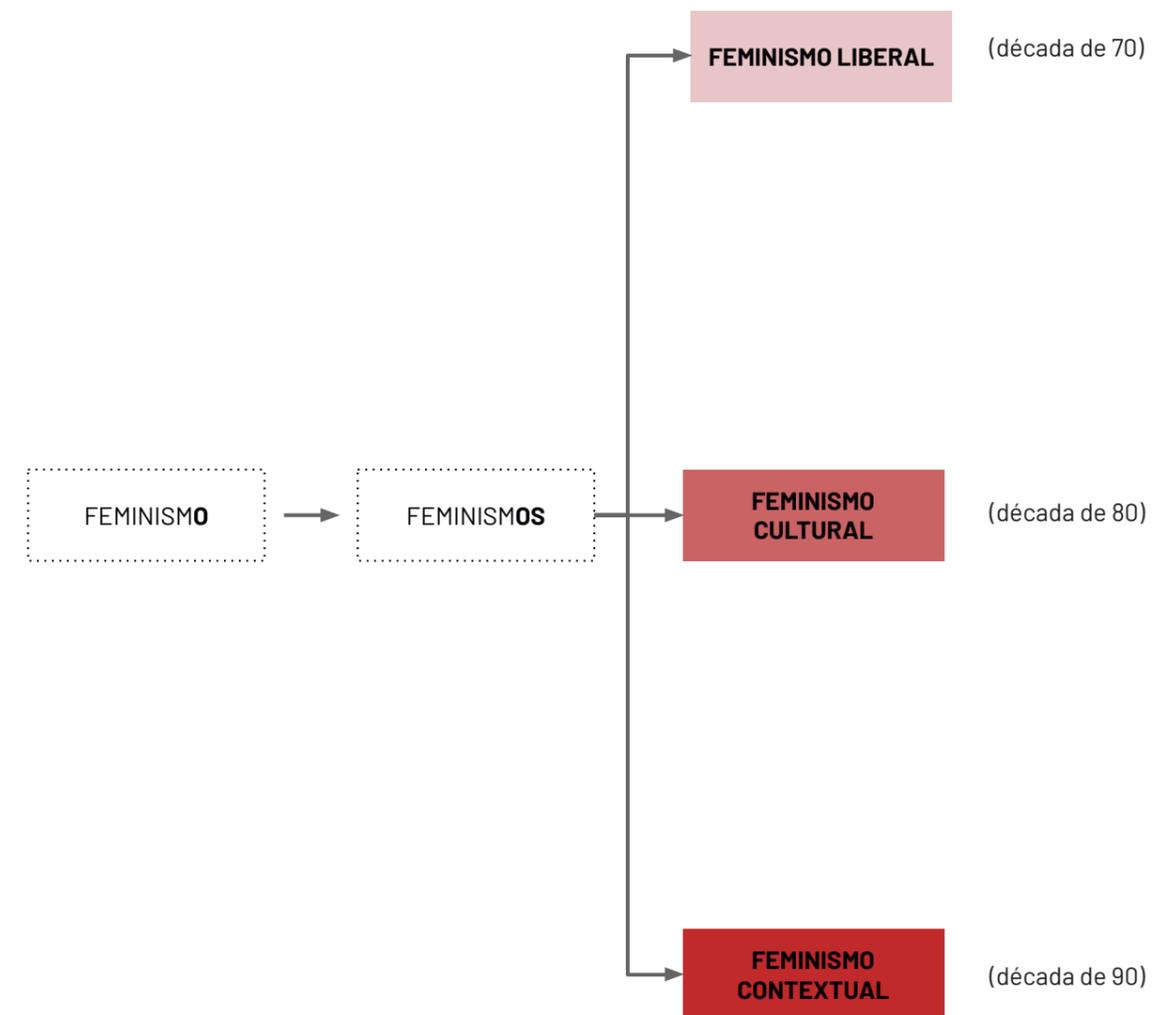
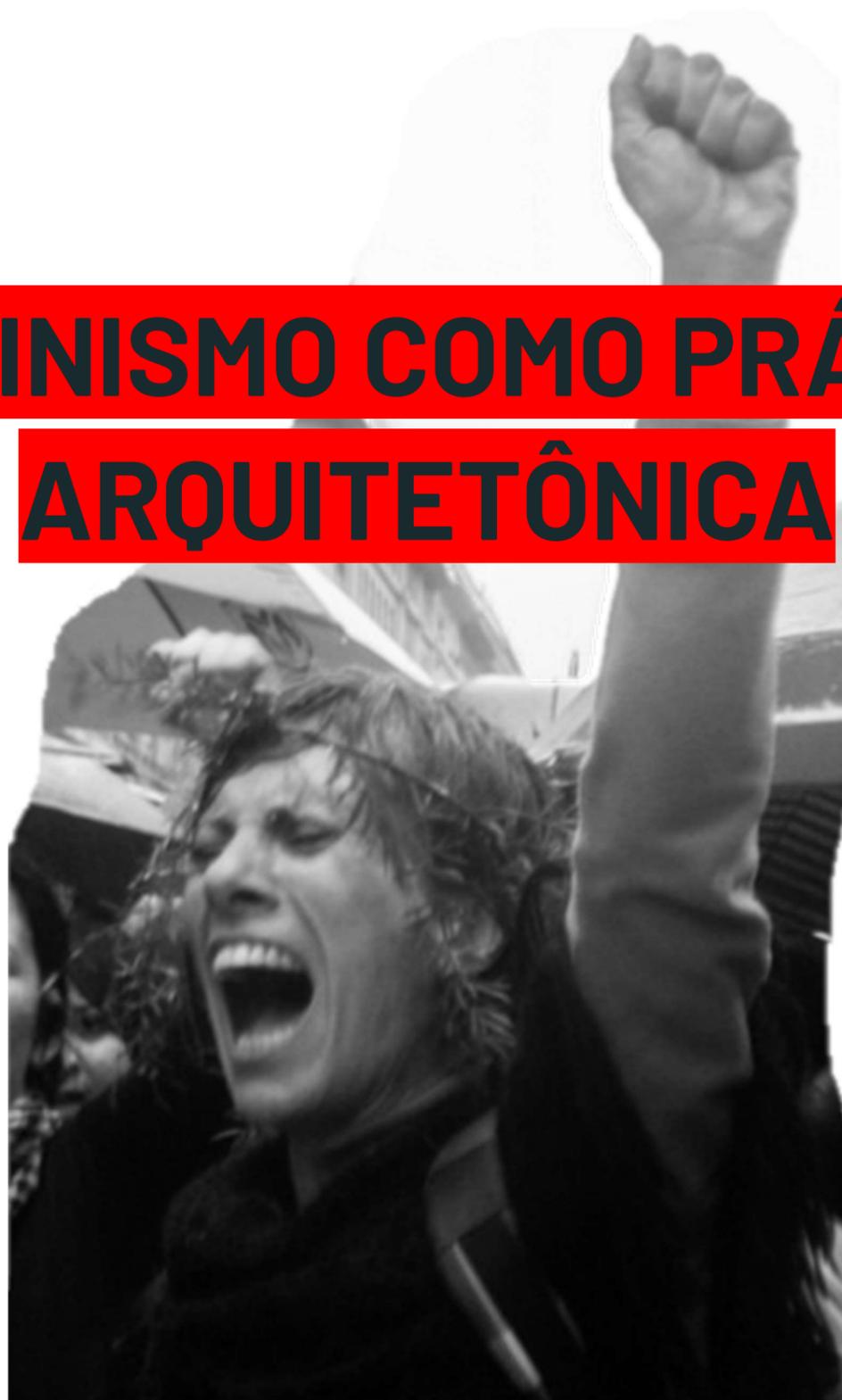


Fig. 3 Diagrama explicativo dos feminismos segundo classificação de Sherry Ahrentzen

2

**FEMINISMO COMO PRÁTICA
ARQUITETÔNICA**



Como já tratado no capítulo anterior o(s) feminismo(s) abre(m) um leque de possibilidades de posicionamento para a mulher dentro da arquitetura, isto é, ela pode adotar desde uma postura voltada para a “igualdade” entre os sexos, até outra mais radical, em que se evidencia a diferença entre o homem e a mulher. Assim, é possível que a prática projetual da mulher dê continuidade à prática já vigente – apoiando a ideia de arquitetura neutra –, ou, questione tal prática e inicie o rompimento com esses padrões – explicitando, no projeto, sua proposta feminista.

Esse trabalho se propõe a explorar o segundo tipo de prática, que levanta questionamentos tais como: qual o impacto da arquitetura na sociedade; qual a necessidade de se investigar novas formas de pensar dentro do fazer arquitetura e; por que seria diferente projetar para a mulher e projetar para o ser humano.

No texto “Tendencies and Trajectories: Feminist Approaches in Architecture” (2000), Rendell deixa claro que a prática projetual feminista foi mudando de foco e sendo modificada ao longo do tempo. Nos anos 70 até meados dos anos 80 ela estava mais focada no produto final da arquitetura, no ambiente construído, direcionado às experiências das mulheres como usuárias dos espaços predominantemente feito por homens e pensados para homens – entrando aí os projetos da célebre Dolores Hayden, por exemplo. Já no fim dos anos 80 e 90 foi amplamente explorado o estudo da teoria crítica e teoria de gênero – a partir de áreas como psicanálise, filosofia, teoria do cinema e história da arte – associado ao âmbito da arquitetura – o que ampliou o foco em questão para além do produto final, abarcando, também, o processo de produção da arquitetura, ao identificar a masculinidade entranhada dentro das próprias etapas de concepção e de representação arquitetônica. Nesse momento os projetos e textos da cooperativa Matrix, bem como a arquiteta Jennifer Bloomer, são exemplos de influências – sendo o primeiro mais comedido, e o segundo mais radical.

Ao se explorar os estudos iniciais do feminismo na arquitetura, as questões referentes ao masculino/feminino e a sua relação com o ambiente construído afloram para apontar a realidade sexista que a arquitetura impõe às mulheres. Dolores Hayden, aborda bem essa reflexão e é reconhecida pela busca, através de seus textos e projetos, pela modificação de contextos sociais, com a criação de novas experiências e significados dos espaços arquitetônicos, desde a escala da edificação até a da cidade (Ahrentzen, 2003).

Hayden, em seu artigo “*What Would a Non-sexist City Be Like?*” questiona a prática arquitetônica que perpetua a ideia de que o lugar da mulher é em casa, apontando que os grupos minoritários, bem como as mulheres empregadas e suas famílias são negligenciadas nas cidades americanas. Ela aponta, então, algumas ações a serem consideradas por arquitetos e urbanistas para as áreas de habitações, como melhoria dos transportes coletivos, disseminação de espaços públicos acessíveis à coletividade e serviços que deem suporte à habitação e aos pais que trabalham, além de criação de rede de creches e lares de idosos. Dolores instiga, ainda, a reabilitação e a preservação de edifícios, sendo exemplificadas tais medidas através de dois projetos, um na escala do bairro, e outro na escala da habitação.

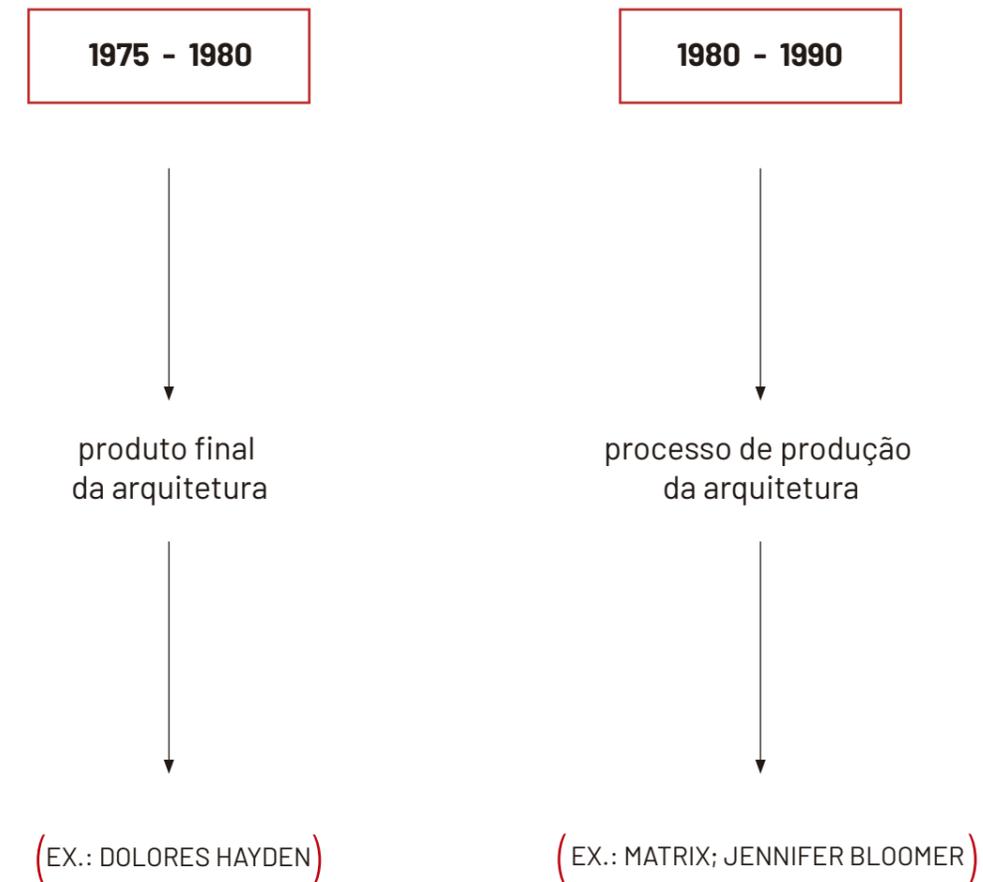


Fig. 4 Diagrama explicativo da mudança de foco das práticas projetuais feminista

Como visto no diagrama ao lado, o primeiro projeto trata de uma quadra, com dez casas (1) unifamiliares em dez lotes privados (2), que pode ser reorganizada por meio de zoneamento, reconstrução e paisagismo.

Assim, no segundo diagrama, as mesmas casas têm seus jardins diminuídos (1), com uma nova área verde em comum (2), com uma zona para serviços acessórios ao centro (3), conectada às casas por uma nova calçada (4), e cercado por árvores na rua (5).

Uma outra proposta seria o item 4 ser o espaço destinado a novos serviços de bairro, o item 3 acomodar uma área para recreação infantil, jardins e áreas de permanência, e o item 5 poderia ser uma calçada. Na pior situação o item 3 poderia ser um estacionamento, caso o transporte público não seja adequado e não tenha estacionamento de rua.

Já o segundo projeto, mostrado ao lado, trata-se da adaptação de uma grande habitação unifamiliar para uma multifamiliar através de uma proposição de uma nova divisão dos espaços. Assim, a casa que originalmente apresenta 3 quartos, 3 banheiros, 1 cozinha, 1 sala de jantar, 1 sala de estar, 1 dependência e 1 depósito, abrigando apenas uma família, tem a possibilidade de gerar 3 novas ocupações. Um apartamento apresentando 1 quarto, outro 2 quartos e o terceiro seria um estúdio para um idoso, ou pessoa solteira e sem filhos

Tais projetos colocam as necessidades das minorias em evidência, e mostram como é possível transformar ambientes já construídos em recintos mais amigáveis, flexíveis e coerentes com a realidade de outras famílias que não as "tradicionais" – composta de pai, mãe e filhos, pertencentes as classes sociais mais altas.

Dessa forma, Dolores, ao aproveitar os espaços dos quintais para formar espaços coletivos de suporte à comunidade (como creches, parques e mercadinhos), dá suporte aos pais que precisam se dividir entre trabalho e cuidados da casa e dos filhos, e não têm dinheiro para pagar uma babá, ou tempo para se deslocar grandes distâncias para ter acesso a mercados e outros serviços. Além disso, ela explora a criação de novos tipos de habitação, que correspondem ao tamanho das famílias compostas só por mãe e filhos, ou pai e filhos, ou ainda de pessoas que querem morar sozinhas, dando, pois, vãs a uma arquitetura habitacional mais flexível e que atenda a pessoas com necessidades diversas.

No que tange à cooperativa arquitetônica feminista Matrix, iniciada no início dos anos 80, em Londres, vê-se que essa também segue aquela vertente de questionamento, explorando a ideia de que "como as mulheres são criadas de maneira diferente em nossa sociedade, temos experiências e necessidades diferentes em relação ao ambiente construído" (Matrix, 1984). No texto *Making Space: Women and the Man Made Environment* (1984), Frances Bradshaw escreve que:

As pessoas frequentemente nos perguntam: "Se as mulheres projetarem edifícios, os edifícios serão diferentes ou melhores?" Se as mulheres organizam coletivamente, projetam e fabricam edifícios que atendem às

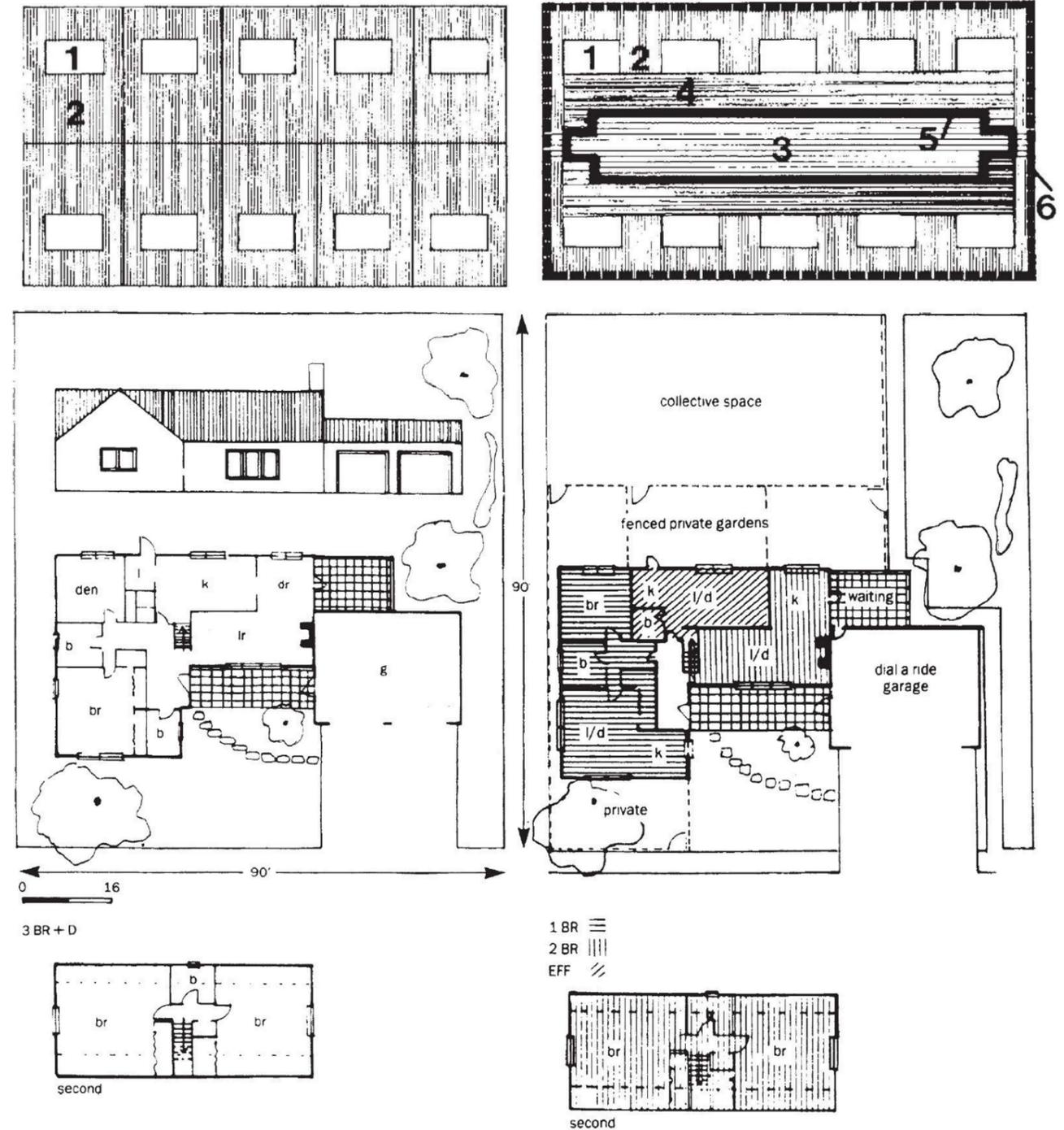


Fig. 5 Diagrama da organização inicial - projeto 1

Fig. 6 Diagrama da proposta de organização posterior - projeto 1

Fig. 7 Plantas baixas casa unifamiliar - projeto 2

Fig. 8 Plantas baixas proposta de casa multifamiliar - projeto 2

Fonte: Gender Space Architecture: An Interdisciplinary Introduction (2000)

suas necessidades, em vez de terem que se encaixar no que já existe (edifícios criados por uma cultura patriarcal) então os prédios devem parecer e gerar sentimentos diferentes. Temos que começar esclarecendo nossas necessidades e não apenas querendo que os edifícios pareçam diferentes. (MATRIX, 1984, p,90)

Para além do resultado no ambiente construído, a cooperativa colocou ainda em pauta a hierarquia existente entre cliente, arquiteto e construtor, desenvolvendo processos projetuais mais compreensíveis e cativantes para o cliente/usuário, de forma que este possa participar mais ativamente do projeto e expressar suas necessidades mais livremente, sem que o arquiteto simplesmente imponha suas próprias ideias. (Penner, Rendell, Borden, 2000)

Tem-se, pois, que o processo criativo da Matrix objetivava provocar a sensação de flexibilidade, de condição de mudança, de que o desenho do projeto "pronto" pode ser alterado, convidando tanto os arquitetos quanto os usuários a explorarem possibilidades. Assim, eles usavam pedaços de papel a fim de representar os móveis, paredes e janelas, que podiam ser movimentados para se achar diferentes arranjos espaciais em planta baixa; e produziam maquetes que possuíam partes fixas, representando o que realmente não podia ser alterado do projeto, e partes móveis, para todo o resto que podia ser alterado, de forma que as novas ideias pudessem ser facilmente comunicadas e compreendidas. (Matrix, 1984)

Um dos projetos desenvolvidos pela Matrix, em que esse tipo de prática projetual foi usada foi o Centro de Saúde de Stockwell, em Londres. O projeto pode ser descrito como uma edificação em L, havendo em um de seus "braços" uma creche (que se abriria para o jardim cercado), o escritório comunitário de trabalhadores da saúde (que é o coordenador do centro), e os consultórios mais privados; um café ou local de encontro na esquina. E no outro "braço", que se desenvolveria ao longo da rua principal existente, abrigaria as instalações de 'entrada', onde as pessoas podiam obter informações e os serviços relacionados aos cuidados de saúde. Estes deveriam incluir pediatria, clínicas de cuidados infantis, osteopatia, além de salas para dentista e oftalmologista.

Por meio desse projeto a Matrix torna o prédio mais convidativo para a comunidade e dá suporte principalmente às mães que precisam de atendimentos médicos, e não podem deixar seus filhos com babás, ou outras pessoas. Dessa forma, a construção assume um formato em L, sendo justamente o ponto de convergência dos seus "braços" um café - que serve não só ao edifício, mas ao restante do bairro - tornando o prédio mais atrativo à comunidade ao romper a barreira intimidadora de centro de saúde e incentivar uma maior troca entre cidade e edificação. Além disso, um jardim se faz presente ao longo de todo o comprimento da construção, atribuindo um sentimento de maior aconchego a seus visitantes. Ainda, o programa de necessidades se estende para além de um programa convencional de centro médico ao haver uma creche em seu interior, conferindo, assim, suporte tanto aos visitantes do centro de saúde, quanto aos próprios funcionários que tem filhos.

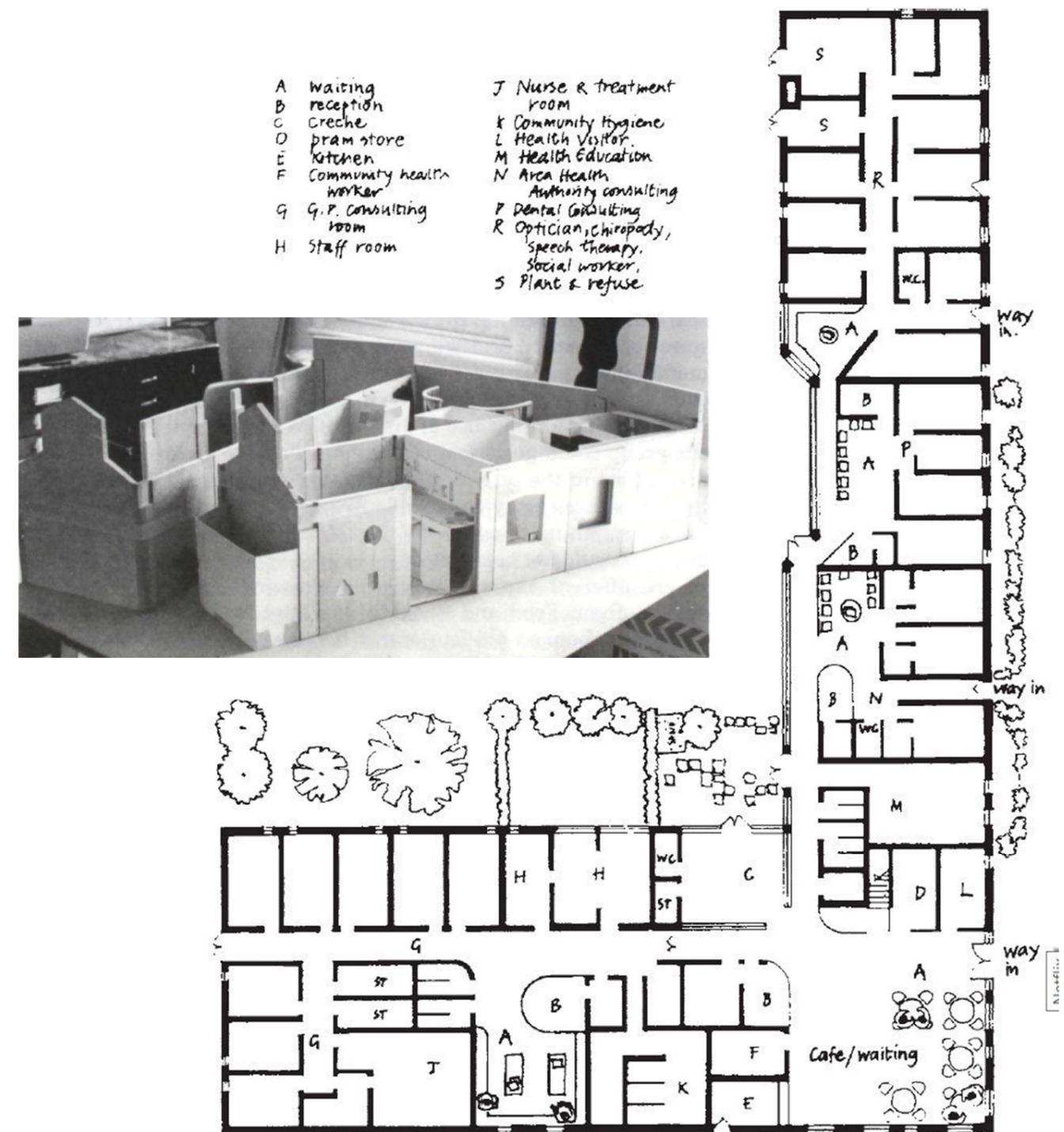


Fig. 9 Imagem da maquete com partes fixas e partes móveis
Fig. 10 Plantas baixa do Centro de Saúde de Stockwell

Fonte: Making space : women and the man-made environment (1984)

A Matrix possui uma postura questionadora e busca alterar a ideologia patriarcal inscrita no espaço, além de reivindicar a inclusão da mulher na sua produção, ao mesmo tempo em que enfatiza o processo criativo e os meios para torná-lo mais participativo para os usuários. Tais atitudes demonstram o início da tomada de consciência que a interdisciplinaridade e a teoria crítica feminista proporcionam tanto às arquitetas, quanto ao machismo na arquitetura como um todo, inclusive na representação e na linguagem arquitetônicas utilizadas no processo tradicional de projetar. (Penner, Rendell, Borden, 2000) – como já explicado no capítulo anterior.

Assim, a partir de meados dos anos 90, pesquisas feministas transformaram o diálogo entre teoria e prática – rompendo a barreira entre elas – de tal forma que a teoria não deve mais ser encarada como descritiva da história da arquitetura, mas como ferramenta crítica para uso prático, apontando que é justamente no processo de criação, na prática de projeto, que o diferencial feminino pode ser desenvolvido.

Seguindo essa perspectiva, a prática projetual da arquiteta feminista Jennifer Bloomer se destaca e se torna fonte de influência para tantas outras arquitetas. Seu trabalho tem um cunho mais radical e é constituído por desenhos e textos fortemente ancorados na ideia da mistura entre prática e teoria. A arquiteta explora a questão da representação do feminino na arquitetura como algo plural, subjetivo, a depender de definições culturais de cada sociedade – questões advindas dos estudos de gênero e do pós-modernismo.

Dessa forma, seus textos desafiam os limites entre a arquitetura e outras disciplinas, construindo narrativas que possuem materialidade e estruturação espacial, com o feminino como ferramenta de subversão e provocação criativa, ao “abraçar” a visão machista e patriarcal de que o feminino é caótico (Bloomer, 1991). “O texto de Bloomer é sua arquitetura; suas estratégias textuais são usadas para interpretar desenhos e espaços arquitetônicos, mas também para criar novas noções de espaço e criatividade, permitindo a ligação entre projeto arquitetônico e teoria” (Penner, Rendell, Borden, 2000).

Conclui-se, portanto, que a prática projetual feminista é bastante plural e está em contínua transformação, tendo sido abarcado neste capítulo apenas algumas dentre as várias manifestações possíveis. Embora diferentes e desenvolvidas em diferentes períodos da história, uma prática não suprime a outra, muito menos se demonstra superior ou inferior, mas fruto de diferentes reflexões e entendimentos de qual papel cumpre o feminismo na arquitetura.

O que as une é o poder de identificar qualidades e preocupações da mulher dentro da disciplina, tanto na academia quanto no âmbito profissional, assim como de incentivo à celebração do feminino na arquitetura e, em meio a tudo isso, conseguir produzir um ambiente cada vez mais equilibrado com as necessidades das pessoas sem deixar de lado questionamentos importantes, como os de continuidade da realidade arquitetônica posta ou do rompimento dos padrões vigentes.

3

**SALAS DE PARTO NORMAL:
ANÁLISE E CRÍTICA SOB
UMA ÓTICA FEMINISTA**



O processo de gestação é uma das mais belas manifestações da natureza, utilizando como instrumento o corpo da mulher. Apesar de ser um processo extremamente complexo, a natureza por si só se encarrega de torná-lo fluido e natural, e assim esse fenômeno natural foi vivenciado por vários milênios.

Apesar de frequente regularidade e obtenção de sucesso nos partos, há também muitas variações e/ou alguma complicação que faz com que a mulher necessite de alguma intervenção médica. Progressivamente, seja por influências de parentes, amigos ou até mesmo por médicos, as mulheres – a parcela delas com acesso à saúde de forma não precária – criaram um sentimento de temor e preocupação, levando-as cada vez mais a optar por uma intervenção cirúrgica mesmo sem haver riscos. (Mello, 1966).

A partir da metade do século XX, o conceito de parto como um evento natural foi sendo substituído por um conceito conectado ao hospital e ao ambiente médico. Até lá as mulheres não pensavam em deixar suas casas para dar à luz. O nascimento veio a ser visto como um processo potencialmente patológico que tinha de ser mantido sob controle. Neste novo cenário, as mulheres são passivos objetos e os assistentes de parto são os principais na cena, performando papéis especializados. (Lepori, Foureur, Hastie, 2008)

Assim, muitas mulheres consciente ou inconscientemente escolheram desistir do trabalho duro envolvido no evento e entregaram o controle para outros, isto é, passaram a optar pela cesárea.

Quanto a aquelas que continuaram a optar pelo parto normal, do ponto de vista do design, o foco mudou das necessidades das mulheres e do bebê para as necessidades dos médicos, que se tornaram os atores principais no espaço. Essa mudança nos leva, então, a uma gama de perguntas que precisam ser levadas em consideração, por exemplo: Como as mulheres se sentem nesses lugares e espaços? Elas se sentem bem recebidas? Conseguem se sentir confortáveis, se mover e se expressar à vontade?

Muitas vezes as respostas seriam negativas, reflexo de uma conduta que continua propondo a posição horizontal como a única maneira admissível de entrar no mundo (Lepori, 1992), forçando as mulheres a se ajustarem aos ambientes feitos com espaços impessoais, ações impessoais e restrições psicológicas – mesmo que não se trate de mulheres e bebês que tenham desenvolvido alguma condição patológica, que acarrete em risco a mãe e a criança.

Bianca Lepori, arquiteta italiana, foi uma das pioneiras a repensar o design das salas de parto e refazê-lo de maneira a resgatar a conexão das gestantes ao processo do parto natural, ao colocar as necessidades da mulher e da criança em primeiro lugar, permitindo que as mulheres controlem seus corpos e mentes durante o parto. Nesse processo, ela descobre que cada mulher, dada a liberdade de parir como deseja, localiza um território no qual ela progride em direção a um centro de ação e concentração, como em busca à criação de um microambiente ou microcosmo. A arquiteta, portanto, objetiva traduzir a filosofia de cuidado subjacente nos elementos arquitetônicos, e visa a criação do espaço a partir da flexibilidade, uma vez que as mulheres em processo de parto precisam de espaço para se movimentar.

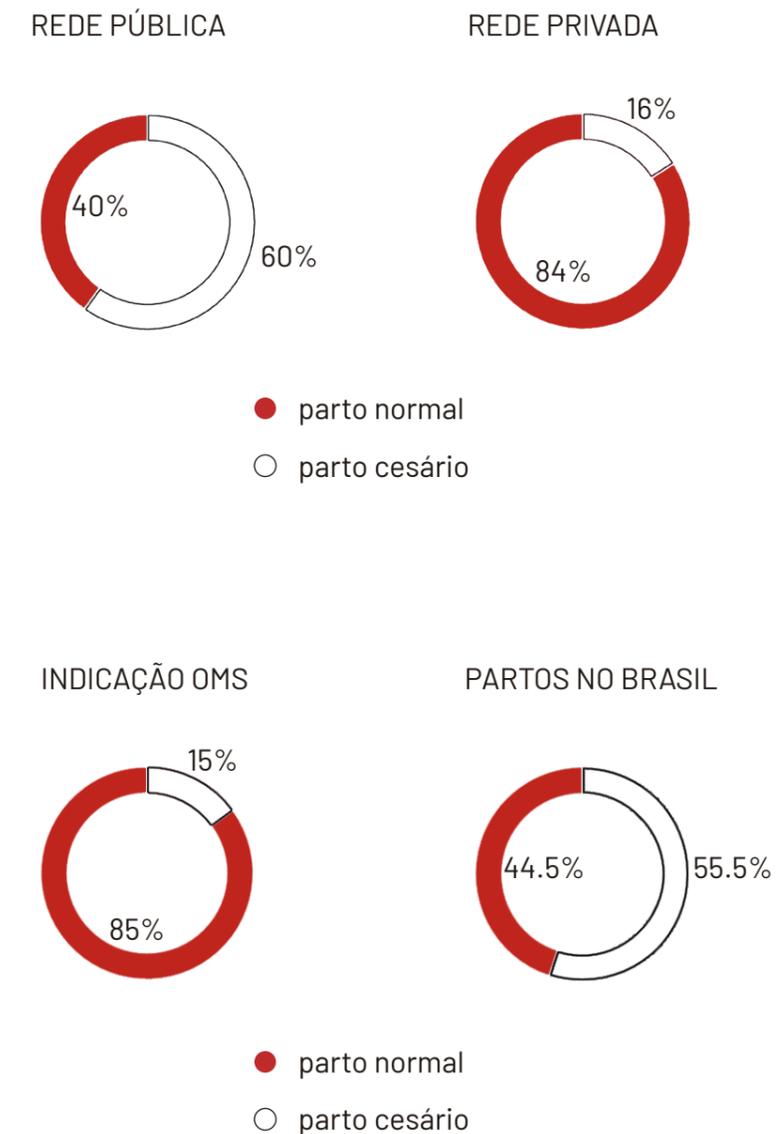


Fig. 11 Gráfico de porcentagem de quantidades de parto cesárea e normal indicados pelo OMS e os realizados no Brasil

Fig. 12 Gráfico de porcentagem de quantidades de parto cesárea e normal realizados no Brasil
Fonte: Organização Mundial da Saúde (OMS)

Em seu livro *“La Nascita E I Suoi Luoghi”* (O Nascimento e Seus Lugares), Bianca mostra o que a motivou a se dedicar a essa questão; quais metodologias utilizou; relatos de mães e de enfermeiras obstetras; e hipóteses e diretrizes de projetos a serem aplicadas em salas de parto. Ela faz, ainda, um uso muito interessante da ciência ao comparar as características de um espaço de hospital e do espaço doméstico as do cérebro, atribuindo as características funcionais do mesmo à aspectos arquitetônicos. Logo, o ambiente hospitalar é descrito tal qual o hemisfério esquerdo do cérebro (racional, tecnológico, direto) e o ambiente do lar tal qual o hemisfério direito (intuitivo, livre, espontâneo).

Assim, Lepori argumenta que:

“O espaço gerado pela lógica hospitalar é seriamente organizado com caminhos retos simplificados que apontam a prontidão que os operadores devem cumprir. A hierarquia é imposta por um caminho teórico, que implicitamente delega a responsabilidade do parto para pessoas especializadas com uma autoridade específica e intervenções de rotina. Os caminhos de uma sala de parto hospitalar são ‘planejadas no papel’ de acordo com uma visão patológica do parto que vê uma cama alta e estreita como o foco do quarto. A cama é identificada como a única peça de mobiliário que a mulher pode usar, possivelmente rodeada por pessoas em pé ao seu lado. [...]. Este modelo é assumido ser o único utilizado e necessitado em todos os partos.” (Lepori, Foureur, Hastie, 2008, p. 97)

Percebe-se através das figuras que o caminho espontâneo das gestantes são movimentos circulares, em que elas passeiam pelos espaços livres do ambiente no momento do pré-parto – período em que elas sentem muitas emoções e sensações ao mesmo tempo. A maioria dos relatos (presentes no capítulo *Freedom Of Movement In Birth Place*) das mulheres que pariram em casa diziam preferir fazê-lo em espaços comuns da casa (como sala de estar), alegando ser onde elas passam a maior parte do tempo, onde recebem os amigos e também por ter mobiliários mais espaçados e mais baixos. Em contradição, vemos o quarto de hospital imposto ao parto (figura X), onde se tem cama e acesso centrais, impondo à mulher o percurso a ser feito, e onde e como ela deve se posicionar.

Nesse capítulo essa discussão será trazida para a realidade brasileira, visando analisar o projeto das salas de parto disponibilizadas pelo Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS), tendo as diretrizes apontadas como coerentes por Bianca Lepori para esse tipo de ambiente. Assim, será colocado em voga um espaço que tanto é negligenciado pela arquitetura, uma vez que, como já mostrado em outros momentos desse trabalho, esta é principalmente feita por homens e para homens, logo, uma sala de parto não é, comumente, objeto de estudo de interesse. Traçamos, portanto, uma visão feminista – que pensa e dá suporte a mulher – sobre tais espaços, objetivando estudar as condições as quais são impostas tantas brasileiras no momento de dar à luz.

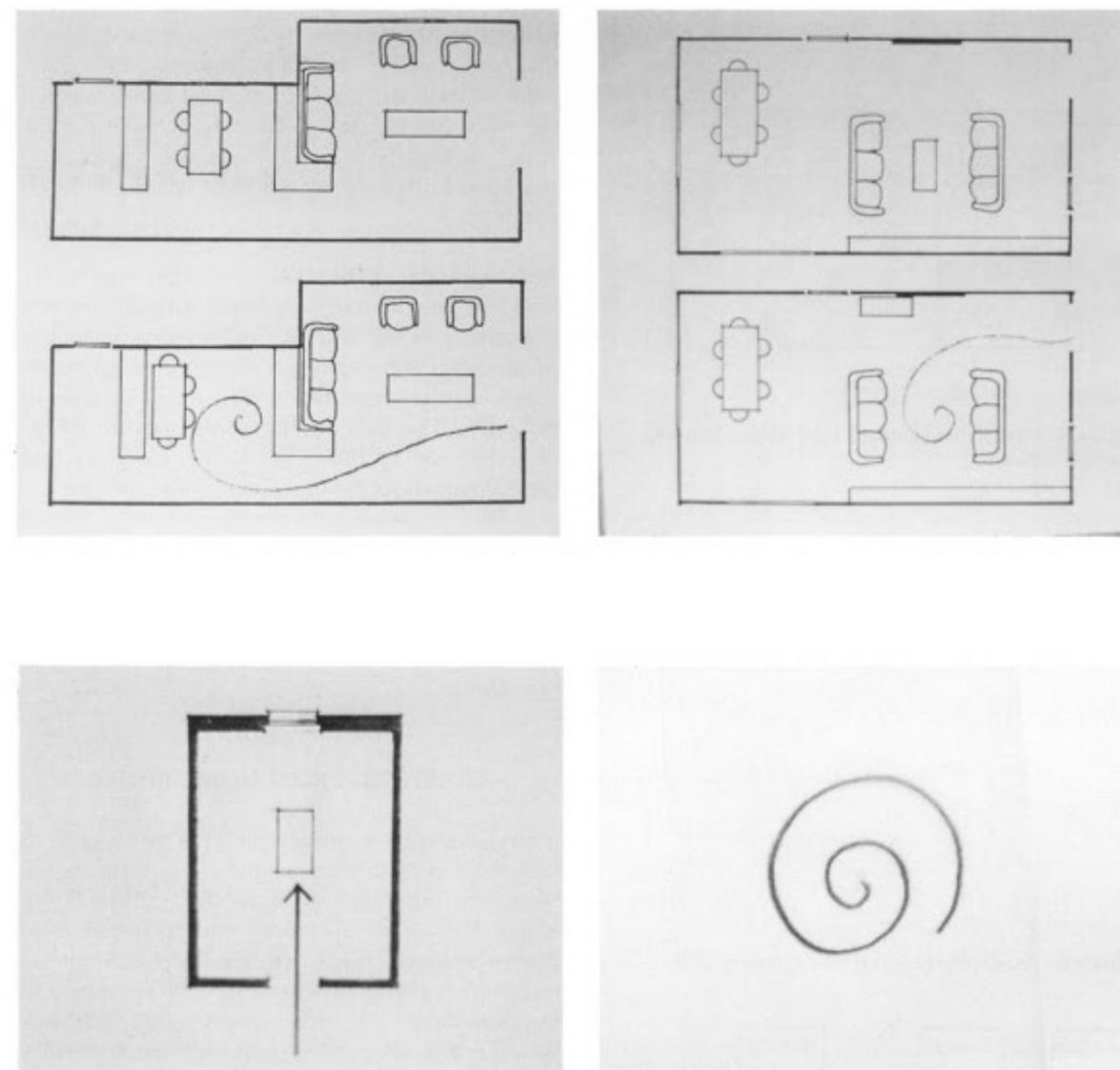


Fig. 13 Planta baixa de uma sala de estar padrão mostrando o caminho típico de uma mulher em gestação dando à luz em casa – exemplo 1

Fig. 14 Planta baixa de uma sala de estar padrão mostrando o caminho típico de uma mulher em gestação dando à luz em casa – exemplo 2

Fig. 15 Caminho imposto do parto (à esquerda);

Fig. 16 Caminho das gestantes no processo de nascimento do bebê (à direita)

Fonte: Bianca Lepori, 1994, *Freedom Of Movement In Birth Places*

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a taxa ideal de cesáreas é entre 10% e 15% do total. Infelizmente o Brasil está bem distante desses números. Mesmo apesar de ter havido uma leve queda nos últimos anos, o país ainda tem um índice considerado alto: de 3 milhões de partos realizados no Brasil em 2015, 55,57% foram cesáreas e 44,43% normais.

Entre 1990 e 2014, a média global da taxa de cesárea quase triplicou (de 6,7% para 19,1%). A OMS classifica o aumento como "sem precedentes" e "uma preocupação global que pede debate" da comunidade médica.

A partir de então, o governo começou a tomar iniciativas para tentar reduzir esses números. Dentre elas, destaca-se a implementação da Rede Cegonha, em 2011. Instituída no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), consiste em uma rede de cuidados que visa assegurar à mulher o direito ao planejamento reprodutivo e à atenção humanizada à gravidez, ao parto, ao puerpério e ao abortamento.

A Rede Cegonha é uma iniciativa que traz um apelo feminista, uma vez que trata o assunto com interdisciplinaridade levando em consideração aspectos da antropologia, sociologia, política, ativismo, feminismo, entre outros. Além disso, privilegia o design e a arquitetura das salas de parto a fim de promover uma ambiência para o bom desenvolvimento dos mecanismos fisiológicos para o parto e nascimento.

Os Centros de Parto Normal fazem parte dessa rede e funcionam em conjunto com as maternidades para humanizar o parto, oferecendo às gestantes um ambiente mais adequado, privativo e um atendimento centrado na mulher e na família.

Existe um documento disponível no site do governo federal chamado "Orientações para Elaboração de Propostas da Rede Cegonha" que orienta e informa sobre a inserção do sistema. Nele, por exemplo, estão citados os direitos garantidos à mulher dentro de uma CPN, dentre eles: respeito ao parto como experiência estritamente pessoal, cultural, sexual e familiar; assistência com suporte emocional por acompanhante e/ou doula; fortalecimento do protagonismo da parturiente, com sua participação nas decisões de condutas; e proteção contra abuso ou negligência.

Dentro do programa de um CPN está o "Quarto PPP (Pré-parto, Parto e Pós-Parto)" sendo este o espaço onde recai o maior interesse desta pesquisa. Este quarto receberá atividades como assistir parturientes em trabalho de parto; assegurar condições para que acompanhantes assistam ao pré-parto, parto e pós-parto. Ele deve seguir as orientações do documento fornecido pelo Ministério da Saúde que mostra como esse ambiente deve ser implantado através de dimensões de áreas mínimas, diretrizes de projeto, discriminação de necessidades e do mobiliário.

No desenho ao lado, tem-se um exemplo de Centro de Parto Normal em que é possível observar como este se organiza e como se dá a configuração dos quartos. Dos cinco quartos,

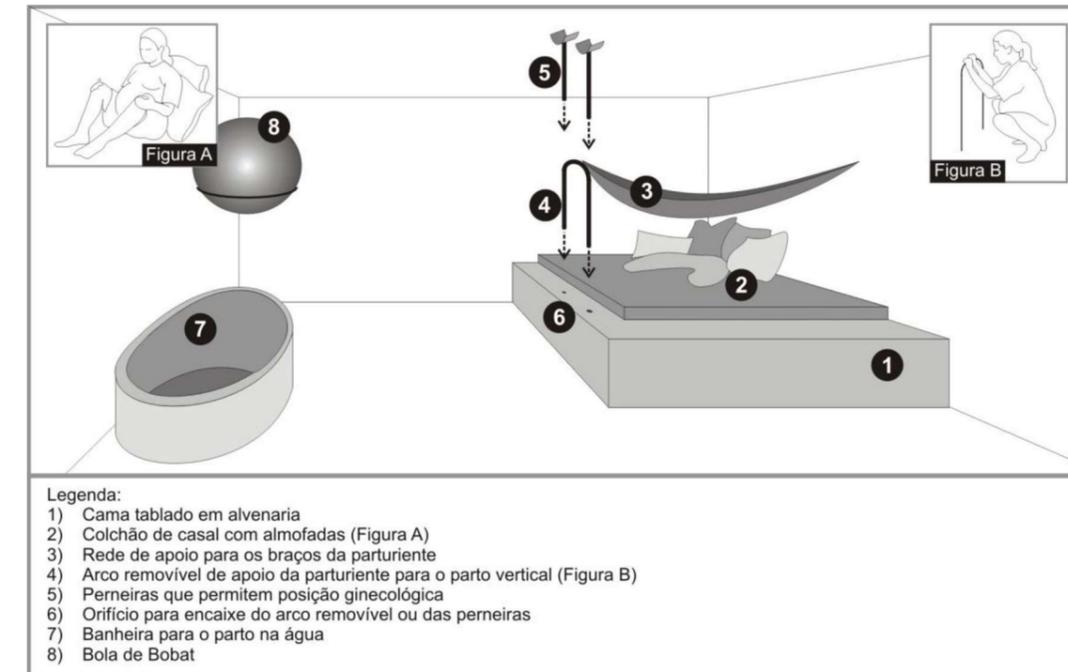


Fig. 17 Exemplo de um Quarto PPP

Fig. 18 Exemplo de CPN Peri-Hospitalar

Fonte: Ministério da Saúde, 2012, Orientações para Elaboração de Propostas da Rede Cegonha

quatro não possuem banheira, devendo apresentar área mínima de 14,50m², sendo 10,5m² para o leito e área de 4m² para cuidados de RN, previsão de poltrona para acompanhante, berço e área para cuidados de RN com bancada e pia, provido ponto de água fria e quente. O quarto é individual com banheiro exclusivo, a fim de garantir privacidade da parturiente e seu acompanhante. A diferença desse quarto para o que tem banheira é somente a área mínima requerida (3,50m² a mais).

Além dos aspectos físicos, são requeridos também aspectos qualitativos no que se diz respeito à ambiência dos quartos. Há orientações sobre condições de conforto luminotécnico, térmico e acústico com o controle de luminosidade, de temperatura e de ruídos.

Utilizando o “Quarto de Bianca Lepori” como referência, pode-se avaliar que o quarto desenvolvido pelo SUS possui os princípios fundamentais de um design a favor da mulher nesse processo: posicionamento não central da cama, banheiro individual, contato com a natureza, acessórios de apoio que possibilitem posições diversas, poltrona para acompanhante, banheira (em alguns casos), além de uma ambiência confortável. Apesar de serem elementos básicos, uma sala de parto com esses elementos já possui qualidade muito superior às salas projetadas sem uma preocupação com o parto humanizado.

Na proposta de Bianca, além desses elementos que o quarto PPP já possui, há ainda outras diretrizes de projeto. Ela propõe texturas, cores, formas, layouts, mobiliários e sensações que o ambiente deve ter e/ou proporcionar para a mulher e sua família, o que o projeto do SUS não especifica, abrindo margem para a escolha sem critérios de tais elementos. (Veja tabela na próxima página).

Ao lado, encontra-se um esboço em que a arquiteta expressa esses conceitos de arquitetura e design.

A partir desse esboço, percebem-se já atitudes radicais de design, como a posição da cama, o espaço livre para circulação (em caracol), um corredor de acesso, a presença de uma banheira e o contato direto com a natureza. Esse seu desenho foi apresentado como uma proposta de reforma para um hospital na Nova Zelândia, e teve seus princípios de design aprovados. Princípios estes que foram desenvolvidos através da comparação entre os espaços de nascimento em casa e os espaços no hospital; e da observação de como as mulheres se comportavam em cada lugar.

Portanto, ao se comparar os dois projetos, percebe-se que a sala de parto da Rede Ce-gonha e a projetada por Lepori apresentam muitas semelhanças – embora a proposta da segunda seja ainda mais esmiuçada quanto aos detalhes arquitetônicos –, configurando um ambiente agradável, seguro, e pensado para à gestante em processo de parto, sendo em ambas perceptível a presença transformativa do feminismo como ferramenta de projeto.

Assim, essas configurações de layout e de cuidado com a mulher mostram a evolução (ou retomada) do pensamento do parto como um processo natural, garantindo mais qualida-

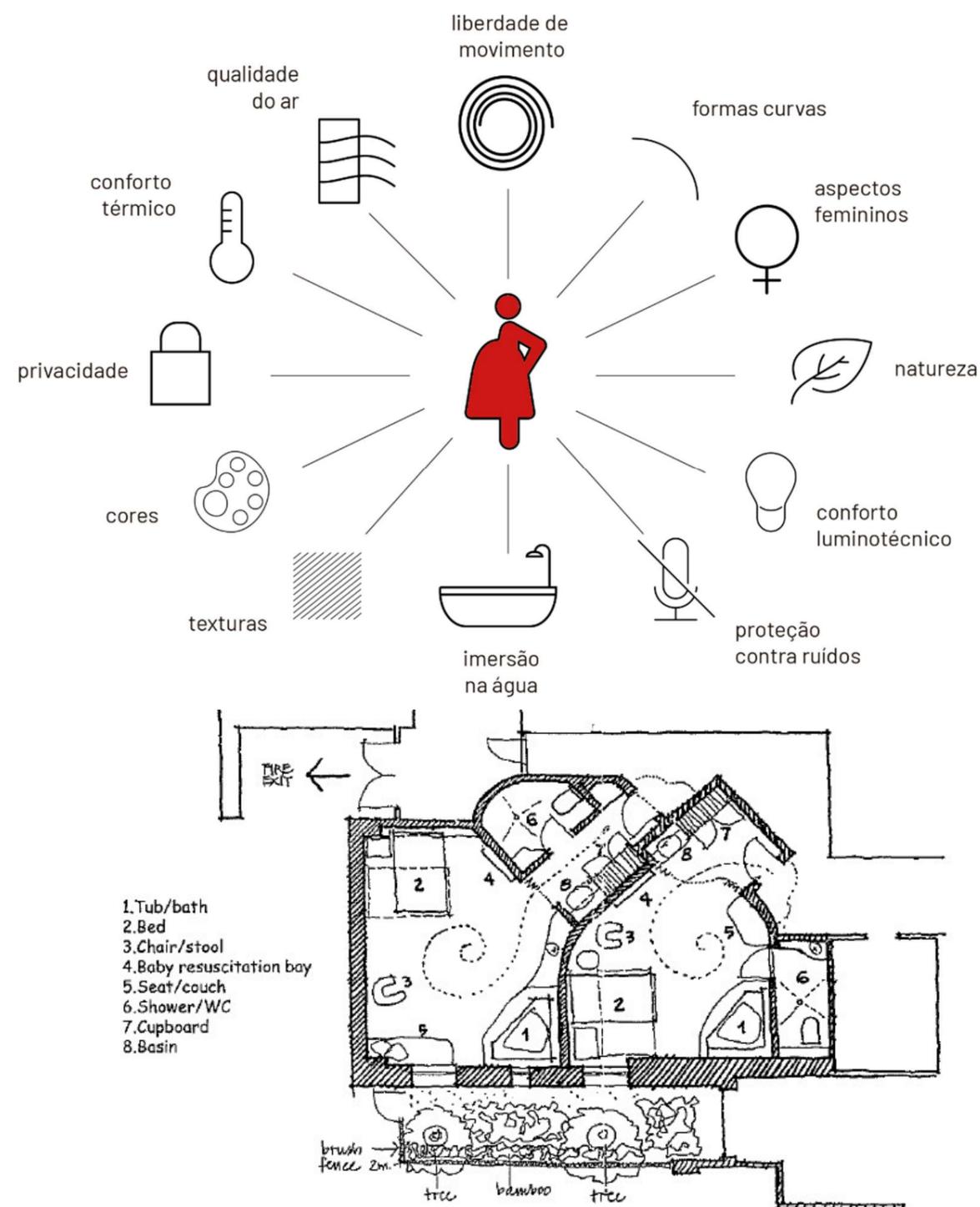


Fig. 19 Diagrama dos princípios fundamentais de um design a favor da parturiente
Fig. 20 Esboço do trabalho original para salas de parto, Wellington.

Fonte: Lepori et al, 2008, Mindbodyspirit Architecture

de e conforto as parturientes, de tal forma que as salas da Rede Cegonha foram avaliadas como 'adequadas' por suas usuárias, segundo uma pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz, publicada em 2017.

| | |
|--|--|
| <p>1. Espaço Feminino Símbolos femininos nas obras de arte; Limpeza e ordem; Calma e tranquilidade.</p> <p>2. Formas Curvas suaves; Cantos arredondados e bordas de paredes e móveis, sem ângulos retos.</p> <p>3. Espacialização Localização da cama em relação à porta - sem linha direta de visão; A porta fica ao lado da sala e não é central; Espaço vazio de possibilidades no centro da sala; Parede baixa para se apoiar pode proteger a cama da porta; Espaço agradável para caminhadas, dentro e fora da sala.</p> <p>4. Elementos da natureza Janelas para o mundo exterior são essenciais; Vista do céu, água, montanhas, flores ou árvores pela janela; Paisagismo interno; Imagens da natureza.</p> <p>5. Água Banheira e chuveiro disponíveis; O banho faz parte da sala de parto e não um espaço separado; A banheira é profundo o suficiente para que a mulher possa ser totalmente imersa quando está de mãos e joelhos; Capacidade de banho: ampla o suficiente para acomodar confortavelmente a mulher; Banheiro e chuveiro separados da sala de parto, mas grandes o suficiente para dar à luz se ela ocorrer lá.</p> <p>6. Textura Variedade de textura em superfícies de paredes, pisos e tetos, tecidos de móveis, obras de arte; Materiais naturais como madeira, azulejos; Evite materiais metálicos em superfícies ou carrinhos.</p> <p>7. Qualidade do ar Possibilidade de ar fresco através da abertura de janelas.</p> <p>8. Luz Luz natural através de janelas ou claraboias; Janelas baixas o suficiente para ver a vista quando deitada na cama; Sem luzes no teto; Luzes reguláveis; Sem luz de cinema.</p> | <p>9. Cor Uso cuidadoso da cor nas paredes, móveis e roupas de cama / toalhas</p> <p>10. Suporte Móveis: banco de nascimento, pufe, esteira de ginástica, bola de exercícios, cadeiras, cama ou plataforma, travesseiros extras; Gancho em forma de teto para pendurar redes ou cordas macias para alongamento; Barras nas paredes em várias alturas; Lareira ou bancada para se apoiar; Cadeira confortável para amamentar.</p> <p>11. Controle de ruído Acústica de redução de som; Conversa do pessoal do lado de fora não audível; Outras mulheres em trabalho de parto ou parto no quarto ao lado, incapazes de serem ouvidas.</p> <p>12. Conforto térmico Ajustável para permitir que a mulher fique nua a uma temperatura confortável; Aquecimento para mãe e bebê.</p> <p>13. Privacidade Portas trancáveis - capacidade de controlar quem entra na sala; Respeito pela integridade corporal pessoal - capacidade de controlar quem toca seu corpo e como; Acordos éticos entre mulheres e seus cuidados; Janela com vidro unidirecional para privacidade noturna; Porta de entrada blindada para que a mulher não possa ser observada da porta; Telas móveis para ocultar equipamentos.</p> <p>14. Alojamento para acompanhantes e assistentes de parto Um lugar confortável para sentar ou deitar de vez em quando; Fazer com que os companheiros se sintam bem-vindos, e não intrusos.</p> <p>15. Comida e Bebida Disponível para a mulher e sua família; Geladeira com gelo disponível.</p> <p>16. Segurança Telefone no quarto; Sistema de campanha na sala; Equipamento para reanimação da mãe ou do bebê; Áreas molhadas devem ter piso de segurança para evitar escorregões para mulheres ou funcionários.</p> |
|--|--|

4

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O feminismo é um dos movimentos que tem repercussões nas mais variadas áreas de conhecimento humano, inclusive na Arquitetura. No entanto, é um tema que ainda ganha pouco destaque dentro do segmento, mesmo sendo de tanta relevância. Assim, as arquitetas continuam a vivenciar diversas dificuldades num meio ainda tão machista, sendo constantemente invisibilizadas, diminuídas, assediadas e questionadas quanto mães e profissionais, por exemplo.

Tal exclusão não se restringe somente a esfera profissional, os preconceitos inerentes ao patriarcado estão profundamente enraizados dentro da própria academia, que perpetua atributos masculinos, mas dissemina a ideia de que a arquitetura é neutra, sem sexo, algo que é amplamente refutado por várias arquitetas feministas.

Dessa forma, o gênero da arquitetura aflora por meio de como rotulamos e definimos a arquitetura, quem é legitimado como arquiteto, como socializamos as pessoas na academia e depois na profissão, qual arquitetura é produzida e como praticamos o ofício.

Assim, o feminismo põe em questão essas certezas já consumadas e iniciam uma luta por novos posicionamentos dentro da arquitetura, isto é, possibilita que a prática projetual da mulher dê continuidade à percepção já vigente – apoiando a ideia de arquitetura neutra –, ou, questione tal prática e promova o rompimento com esses padrões – explicitando, no projeto, sua proposta feminista.

A própria prática projetual feminista foi mudando de foco e sendo modificada ao longo do tempo. Nos anos 70 até meados dos anos 80 ela estava mais focada no produto final da arquitetura, isto é, no ambiente construído, direcionado às experiências das mulheres como usuárias dos espaços predominantemente feito por homens e pensados para homens. Já no fim dos anos 80 e 90 foi amplamente explorado o estudo da teoria crítica e teoria de gênero – a partir de áreas como psicanálise, filosofia, teoria do cinema e história da arte – associado ao âmbito da arquitetura – o que ampliou o foco em questão para além do produto final, abarcando, também, o processo de produção da arquitetura, ao identificar a masculinidade entranhada dentro das próprias etapas de concepção e de representação arquitetônica.

Portanto, a prática projetual feminista é bastante plural e está em contínua transformação, sendo importante entender que uma não suprime a outra, muito menos se demonstra superior ou inferior, mas como sendo fruto de diferentes reflexões e entendimentos de qual papel cumpre o feminismo na arquitetura. O que as une é o poder de identificar qualidades e preocupações da mulher dentro da disciplina, tanto na academia quanto no âmbito profissional, assim como o de incentivar a celebração do feminino na arquitetura e, em meio a tudo isso, conseguir produzir um ambiente cada vez mais equilibrado com as necessidades das pessoas, sem deixar de lado questionamentos importantes, como os de continuidade da realidade arquitetônica imposta ou do rompimento com os padrões vigentes.

Ao tratar de salas de parto normal, o presente trabalho, põe em discussão um espaço que tanto é negligenciado pela arquitetura, uma vez que, como já mostrado ao longo dos 2 capítulos iniciais, esta é principalmente feita por homens e para homens, de forma que uma sala de parto não é, comumente, objeto de estudo de interesse. É trazido, portanto, uma visão feminista – que pensa e dá suporte a mulher – sobre tais espaços, objetivando estudar as condições as quais são impostas tantas mulheres no momento de dar à luz, dentro da realidade brasileira.

Portanto, ao se comparar dois projetos, a sala de parto da Rede Cegonha e a projetada por Bianca Lepori, percebe-se que entre elas existem muitas semelhanças – embora a proposta da segunda seja ainda mais esmiuçada quanto aos detalhes arquitetônicos –, configurando um ambiente agradável, seguro, e pensado para à gestante em processo de parto, sendo perceptível a presença transformativa do feminismo como ferramenta de projeto.

Portanto, conclui-se que se nosso ambiente construído pode promover a dominação masculina, certamente pode fazer o oposto. A arquitetura é uma produção cultural bastante poderosa. Os arquitetos têm autoridade para desafiar a ordem estabelecida e oferecer uma implicação espacial na busca de mudanças sociais. Mas, para isso, precisamos aplicar uma perspectiva crítica, precisamos nos educar e nos conscientizar da dinâmica social e de gênero que nos rodeia.

5

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



AHRENTZEN, Sherry. **The Space between the Studs**: Feminism and Architecture. Signs, Chicago, v. 29, n. 1, pp. 179-206, 2003.

CASTRO, Beatriz. **“Mulheres na Arquitetura” e “Arquitetas Invisíveis”**: equidade de gênero no mercado. 6 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/mulheres-na-arquitetura-e-arquitetas-invisiveis-equidade-de-genero-no-mercado/>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

BLOOMER, Jennifer. Big Jugs. In: KROKER, Arthur, KROKER, Marilouise (Ed.) **The Hysterical Male**: New Feminist Theory, London: Macmillan, 1991, p.

DESCHÊNES, O. D. **Doing Feminism in Architecture**. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – B.Sc Architecture, Université de Montréal.

DUTTON, Thomas A.; MANN, Lian H. Reconstructing Architecture. In: AHRENTZEN, Sherry (Org.) **The F Word In Architecture**. 2003. p. 71-118.

FAHY, Kathleen; FOUREUR, Maralyn; HASTIE, Carolyn. Birth Territory and Midwifery Guardianship. In: LEPORI, Bianca (Org.) **Mindbodyspirit architecture**. 2008, p. 95-111.

G1. **Cesarianas têm leve recuo no Brasil, mostram dados do ministério**. 10 mar. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/cesarianas-tem-leve-recuo-no-brasil-mostrar-dados-do-ministerio.ghtml>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

G1. **Número de cesarianas aumenta no mundo e OMS divulga guia para reduzir procedimentos realizados**. 11 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2018/10/11/numero-de-cesarianas-aumenta-no-mundo-e-oms-divulga-guia-para-reducao-do-procedimento.ghtml>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

HAYDEN, Dolores. **What would a non-sexist city be like?** Speculations on Housing, Urban Design, and Human Work. Signs, Chicago, Suplemento Women and the American City, v.5, n.3, p.170-187, 1980.

VICO, Amanda F. **Avaliação da Implantação dos Centros de Parto Normal no Sistema Único de Saúde**, 2017. Dissertação (Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro – RJ.

LEE, Stella. **Why Doesn't Architecture Care About Sexual Harassment?** 12 out. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/10/12/opinion/richard-meier-metoo-moment.html>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

Matrix. **Making Space**: Women And The Man-made Environment. Londres: Pluto Press Limited, 1984.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Orientações para Elaboração de Propostas da Rede Cegonha**. 2012.

RENDELL, Jane, PENNER, Barbara, BORDEN, Iain. **Gender Space Architecture**: An interdisciplinary introduction, London: Routledge, 2000.

RENDELL, Jane. **Tendencies and Trajectories**: Feminist Approaches in Architecture. In: HEYNEN, H; CRYSLER, G; CALMS, S (Ed.) **The SAGE Handbook of Architectural Theory**. Londres, Califórnia, Nova Delhi, Singapura: Sage Publications, 2012, p. 85-97.

RENDELL, Jane, PENNER, Barbara, BORDEN, Iain. **Gender Space Architecture**: An interdisciplinary introduction, London: Routledge, 2000.

Mtrix. **Making space** : women and the man-made environment. Londres: Pluto Press Limited, 1984.

*Todas as imagens das capa, e apresentação de capítulos foram obtidas via pesquisa no google imagens.